



Sokher, o ruivo (ou) O revolucionário vermelho*

Meir Kucinski**

São Paulo, Brasil

Eles chegaram por último e, com eles, por curiosidade, alguns oficiais cristãos, que vieram ouvir dramático e divino canto do *Kol Nidrei*.

Os chefes de família mal se importavam com essa multidão heterogênea. Os fiéis das últimas fileiras, artesãos e carregadores, no entanto, ficaram encantados:

— Ah, vejam quem vem para o *Kol Nidrei*!

Eles ficaram especialmente encantados com o “Revolucionário Vermelho”.

Quem era o “Revolucionário Vermelho”?

Nenhum dos incomuns frequentadores da sinagoga para o *Kol Nidrei* causou tanta sensação quanto o “Revolucionário Vermelho”.

Pois quem não veio à sinagoga para o *Kol Nidrei*? Veio até o farmacêutico, o apóstata, sobre quem circulavam histórias de que ele já foi um estudante de *yeshivá* e ainda era um bom estudioso até hoje; veio o médico oftalmologista militar, o delator, que perseguia amargamente os recrutas judeus, embora sempre lembressem que ele não era um apóstata; veio a velha guarda de nobres assimilados que não entendiam uma palavra de iídiche e nenhum versículo em hebraico.

Na sinagoga lotada, dezenas de soldados judeus das fronteiras, que serviam na guarnição local, se empurravam na porta.

Quem não conhecia o “Revolucionário Vermelho”? Seu nome chegou até mesmo a Varsóvia, tornando-se um ditado até nos altos escalões dos partidos políticos (os proletários) e – bem, já se pode dizer a verdade – ele lhes causava medo, um terror mortal.

O Revolucionário Vermelho era o mais saudável e bem alimentado de todos os camaradas do partido – revolucionários magros e famintos da economia do gueto judeu, todos cronicamente desempregados e sem perspectivas para o amanhã, apenas esperando pela revolução social que de alguma forma não se apressava em chegar à

* À tradução do título original, “Socker o ruivo”, acrescento “O revolucionário vermelho”, pelo contexto da narrativa (N.T.).

** Escritor e professor. Nascido na Polônia, em 1904, emigrou para o Brasil em 1935, estabelecendo-se em São Paulo, onde faleceu em 1976.



rua judaica.

O “Revolucionário Vermelho” era o único rapaz de boa família que se desviou para esse grupo. Ele era filho único de uma família rica e seus pais o mimavam e acariciavam, engordando-o como um ganso. Isso era notável nele: um pescoço vermelho e gordo, com um rosto apoplético e olhinhos pequenos que imploravam inocente e infantilmente para serem salvos – para não se afogarem na carne inchada – e, acima de tudo, uma voz fina, metálica e musical, que se empurrava com força através da garganta estreita de seu pescoço grosso.

O “Revolucionário Vermelho” era o mais extremado e ativo do grupo e, de fato, recebia a maioria dos golpes da polícia polonesa.

— Há onde bater, — gabava-se o comandante da polícia para os comerciantes da cidade — não é como os outros comunistazinhos judeus, que são todos fracos e não aguentam as surras e é perigoso tocá-los.

Os comunistas judeus, como é sabido, não podiam organizar suas próprias palestras, então eles aproveitavam as “tribunas alheias” e o “Revolucionário Vermelho”, ele próprio um intelectual medíocre, que mal conseguia ler um “panfleto”, assumiu isso como sua missão.

As suas interjeições assustavam o orador enquanto ele ainda estava em Varsóvia... Era explicitamente por conta dele a dificuldade de trazer à nossa cidade uma palestra. E só após garantir ao orador de Varsóvia que ele seria poupadão das interjeições do “Revolucionário Vermelho”, ele arriscava e concordava com a palestra.

Os partidos locais (os proletários, já que pelos burgueses o “Revolucionário Vermelho” não tinha interesse. Inventaram, portanto, vários truques contra ele. Nem sempre era possível impedi-lo de entrar nas palestras dos oradores de Varsóvia. Justamente na entrada, durante a palestra, colocavam um policial. Mas, obra do diabo, ele supostamente não entendia de sutilezas:

— Tem um bilhete? Entre!

Implorou-se misericórdia ao “Revolucionário Vermelho”: “Comporte-se, fique quieto!” O “Revolucionário Vermelho”, com suas estreitas fendas oculares, como um japonês, costumava jurar solenemente:

— Por minha palavra de honra proletária, dessa vez não farei nenhuma interjeição. O que tenho eu contra ele, o orador? — E, modestamente, com uma inocência infantil, sentava-se no último banco.

Assim que o orador se empolgava, se aquecia e se esforçava para despertar o cansado público sabático que ansiava por uma soneca – lutando amargamente, coitados, contra o sono que os acometia – o “Revolucionário Vermelho” começava a lançar suas flechas, que imediatamente acordavam o público adormecido.



Do último banco, ele conseguia se mover para frente, mais perto da tribuna do infeliz orador. Com as mãos cruzadas, com as profundas covinhas nas bochechas carnudas, com sua voz fina e metálica, que parecia sair com força de seu pescoço grosso, o “Revolucionário Vermelho” tirava do seu arsenal as armas preparadas, as interjeições:

— Onde você estava no ano de mil novecentos e dezoito?

A frase prolongada, que se aderia ao tema do orador como uma ervilha na parede, confundia por um momento o palestrante, a quem ainda em Varsóvia haviam dado uma garantia contra o “Revolucionário Vermelho”... O palestrante tentava ignorar a interjeição e retomar o fio interrompido do tema, mergulhar novamente no calor de seus pensamentos, de suas palavras aladas. Mas em vão. O “Revolucionário Vermelho” já havia mudado tudo com sua vozinha de soprano, que se espalhava como um sino pela sala e abafava a voz cansada e gasta do intelectual de Varsóvia.

“Servo da burguesia”, “engraxate do PPS”,¹ “fura-greve”. Para os palestrantes sionistas-proletários, as interjeições eram de outra categoria: “Socialistas do Muro Ocidental”, “Vocês querem nos levar para além das Montanhas das Trevas”, “Vocês estão expulsando os árabes de suas terras”. Sozinho, sem a ajuda de seus camaradas que haviam comprado um ingresso para o evento do oponente, o “Revolucionário Vermelho” disparava suas interjeições, como se saíssem de uma máquina, e ficava parado como um *golem* até interromper a palestra – a não ser que o orador conseguisse salvar seu pobre prestígio ao terminá-la apressadamente.

Agora entendemos a surpresa quando o “Revolucionário Vermelho”, em roupas festivas, com um chapéu novo, entrou na sinagoga para o *Kol Nidrei*, com um pequeno *machzor* novinho em folha. Humildemente, ele se posicionou não muito longe da porta, em uma fileira com outros fiéis em pé, para saber “onde estamos”... Sua vozinha de soprano soava acima de toda a congregação, subindo mais alto, em direção à *bimá* e à parede oriental. “*Baruch Hu, Baruch Shemo, Amén*”.² O som metálico do Revolucionário Vermelho podia ser ouvido entre todos os fiéis.

E quando um chefe de família, ou simplesmente um jovem fiel, tentou provocá-lo:

— Sokher, você veio à sinagoga para lançar uma interjeição ao *chazan*?

O Revolucionário Vermelho abriu seus olhinhos, olhou com medo para as velas gotejantes, para os candelabros solenes, para a congregação em suas vestes brancas,

¹ O PPS, *Polska Partia Socjalistyczna*, foi um importante partido político socialista na Polônia. Fundado em 1892 em Paris, o PPS desempenhou um papel significativo na luta pela independência e na política polonesa até sua fusão com o Partido dos Trabalhadores Poloneses para formar o Partido dos Trabalhadores Unidos em 1948 (N.T.).

² “Bendito seja Ele, bendito seja Seu nome, Amén” (N.T.).



para a *bimá* que estava ocupada com coristas em seus pequenos *talits*, ouviu o soluçar sufocado da seção feminina e, colocando um dedo nos lábios, sussurrou:

— Shhh, silêncio... este é um lugar sagrado.

E o Revolucionário Vermelho folheava e folheava seu pequeno *machzor*.

A mãe decidiu que o melhor seria mandar seu filho único embora. E o jovem se juntou a um grupo de emigrantes que iam para o Brasil.

Não demorou muito e Sokher voltou ao seu trabalho, e as palestras e conferências do Bom Retiro raramente passavam sem seus: “Onde você estava em mil novecentos e trinta...”. Mas ele também era um dos mais ágeis na construção da casa da esquerda, o mais ágil nos clubes, o mais ágil nas “campanhas”.

Mas também na sinagoga, que ficava ao lado da casa da esquerda, no Bom Retiro,³ o “Revolucionário Vermelho” ficava submisso no *Kol Nidrei*, como um penitente, perto da porta. Deixando de lado as listas, os apelos, as campanhas, com o pequeno *machzor* de veludo, ele ficava perto da porta e se misturava com os olhos baixos e semicerrados. Quando o presidente da sinagoga se aproximou dele e o elogiou com “Senhor, eu o respeito”, Sokher respondeu baixinho:

— Shhh... este é um lugar sagrado...

Tradução: Gilberto Gamer^{**}

gillberto@mail.com

Enviado em: 10/03/2025

Aprovado em: 30/04/2025

³ A “casa da esquerda” refere-se à Casa do Povo. Fundada em 1953, foi um importante centro cultural e social para a comunidade judaica, especialmente para aqueles com inclinações políticas de esquerda. Durante a ditadura militar no Brasil, a Casa do Povo também se tornou um espaço de resistência, onde judeus comunistas e outros ativistas se reuniam. A sinagoga “que ficava ao lado da casa da esquerda” é o *Beit HaMidrash Ahavat Reim*, que se encontra, literalmente, a menos de 300m de distância da Casa do Povo. Seu nome, quando traduzido, significa *Casa de Estudo Amor aos Companheiros* (N.T.).

** Mestre em Administração de Negócios (MBA), pela Universidade de Otago, Nova Zelândia.